



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DEDC XII
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

RONEI BATISTA LOBATO

**A RODA COMO ESPAÇO PEDAGÓGICO: O ENSINO DA CAPOEIRA NO
CONTEXTO NÃO ESCOLAR**

GUANAMBI – BA

2025

RONEI BATISTA LOBATO

**A RODA COMO ESPAÇO PEDAGÓGICO: O ENSINO DA CAPOEIRA NO
CONTEXTO NÃO ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade do Estado da Bahia – Departamento de
Educação Campus XII, como requisito parcial para a
obtenção do título de licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Marlon Messias Santana Cruz

GUANAMBI – BA

2025

Ficha Catalográfica - Produzida pela Biblioteca Edivaldo Machado Boaventura

RONEI BATISTA LOBATO

**A RODA COMO ESPAÇO PEDAGÓGICO: O ENSINO DA CAPOEIRA NO
CONTEXTO NÃO ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade do Estado da Bahia – Departamento de
Educação Campus XII, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Marlon Messias Santana Cruz

Data de aprovação 09 / 12 / 2025.

Prof. Dr. Marlon Messias Santana Cruz
Departamento de Educação - *CAMPUS XII* – UNEB

Prof. Dr. Sebastião Carlos dos Santos Carvalho
Departamento de Educação - *CAMPUS XII* – UNEB

Prof. Dr. Jonatan dos Santos Silva
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

Guanambi-BA

Dedico este trabalho ao menino da Agrovila 22, àquela criança curiosa e dedicada, que conduzia alongamentos e puxava treinos no grupo Brilho do Sol sem imaginar que aquele chão se tornaria o início da sua formação como educador.

Dedico também ao meu mestre Xaulin, que foi meu primeiro professor e referência de capoeirista. Parte deste trabalho existe porque um dia ele acreditou em mim.

Por fim, dedico às crianças e adolescentes do projeto Esporte Por Toda Parte (EPTP), que me ensinam diariamente que educar é um gesto de troca, escuta e afeto.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me sustentado em cada etapa desta caminhada. Por ter me dado força nos dias em que eu pensei em desistir, por ter acalmado meu coração quando a ansiedade e o cansaço falavam mais alto, e por ter colocado as pessoas certas no meu caminho no momento exato. Reconheço que muitas conquistas que vivi até aqui só foram possíveis porque Ele me deu saúde, paciência e coragem para seguir. Sou grato a Deus por ter me guiado quando eu não sabia o que fazer, por ter iluminado minha mente durante as dificuldades da escrita e por nunca ter deixado faltar proteção, mesmo longe de casa. Se hoje chego ao final dessa etapa, é porque Ele esteve comigo em cada detalhe, me fortalecendo em silêncio.

Agradeço com todo o meu amor e reconhecimento à minha família, que é a minha base, meu abrigo e minha maior força. À minha mãe, Maria Helena Batista Lobato, mulher de uma coragem imensa, que enfrentou o peso da roça, do sol quente, da vida dura, mas nunca permitiu que nada disso apagasse sua dedicação por mim. Obrigado, mãe, por cada conselho simples que dizia mais do que qualquer livro, por cada esforço silencioso e por nunca ter deixado faltar amor, mesmo quando os recursos eram poucos. Ao meu pai, Silvino Rodrigues Lobato, exemplo de honestidade e trabalho, que me ensinou que o valor de um homem não está no que ele tem, mas no que ele faz com o coração. Pai, sua força diária, mesmo cansado da lavoura, sempre me inspirou a continuar estudando e a acreditar que a educação me levaria onde vocês nunca puderam ir. À minha irmã Gerusa Leilane, minha referência de vida, aquela que abriu caminhos antes de mim e me mostrou, com seu próprio esforço, que sonhar é possível. Você foi meu modelo de determinação, e eu sempre te admirei profundamente. À minha irmã Flêdiana, que sempre acreditou em mim com uma fé que, às vezes, nem eu conseguia ter. Suas palavras de admiração foram essenciais nos dias mais difíceis. Ao meu irmão Sinvaldo, que me motiva a sempre dar o meu melhor em tudo o que eu faço e nunca hesitou em me incentivar, fazendo questão de celebrar cada pequena vitória como se fosse dele também. E à minha querida avó, Isaulina dos Santos Batista (Dona Daia), o grande amor da minha vida. Mãe Velha, a senhora é meu refúgio emocional, meu afeto mais puro, meu lar dentro de uma pessoa. Seu jeitinho, seu cuidado e seu amor me acompanham em tudo o que faço. Esta conquista não é minha, é nossa. Minha família é minha maior riqueza e o motivo mais bonito para eu não desistir. Cada linha deste trabalho carrega um pedaço de vocês.

Agradeço com todo o meu carinho e gratidão aos meus amigos, que foram parte essencial desta jornada e que, de formas diferentes, deixaram marcas profundas na minha

formação e na minha vida. A meu amigo Daniel Torres, que não foi apenas colega de curso, mas irmão de caminhada. Dividir apartamento com ele durante a graduação foi dividir também risos, preocupações, silêncios confortáveis e conversas que me ajudaram a manter o equilíbrio quando a rotina tentava me derrubar. Agradeço por cada dia em que a companhia dele tornou a saudade de casa mais suportável. A meu amigo Jean Lucas, que foi praticamente meu psicólogo não oficial durante a graduação, ele sempre escutou meus desabafos, aguentou minhas frustrações, me aconselhou com paciência e ficou ao meu lado nos momentos em que tudo parecia pesado demais. À minha amiga Aline Costa, minha dupla inseparável de todos os estágios e rolês. Estávamos juntos em tudo: nos planos de aula, nas madrugadas preparando os trabalhos que sempre deixávamos para o último dia e também nas saídas que viravam histórias garantidas para contar. Aline foi parceira dentro e fora da universidade, e é isso que torna nossas lembranças tão especiais, a mesma pessoa que dividia o estresse comigo nos corredores da UNEB era a que dividia as risadas nos nossos rolês. Tudo isso eu levo comigo para a vida. À minha amiga Emile Rodrigues, minha parceira fiel do dia a dia no projeto EPTP, que dividiu comigo sol quente, cansaço, responsabilidade e a alegria de ver crianças e adolescentes se transformando pela capoeira. Às minhas amigas Aline Guedes e Rozângela Oliveira, agradeço pela parceria de sempre, pelo apoio nas horas certas e pela presença leve que fez minha caminhada mais tranquila. Vocês estiveram comigo em momentos importantes e, de diferentes formas, ajudaram a tornar tudo mais fácil. Meu muito obrigado a cada um de vocês.

Agradeço com enorme respeito, admiração e carinho aos meus professores da graduação, que foram fundamentais para minha formação acadêmica, profissional e humana. Ao professor Nadson Santana Reis, minha referência ao longo deste processo, deixo um agradecimento especial. Foi ele quem me ajudou nos momentos mais difíceis da escrita do TCC, quem me orientou com rigor e paciência, e quem acreditou que tudo ia dar certo mesmo quando eu estava cheio de dúvidas. Suas intervenções fizeram toda a diferença no desenrolar deste trabalho. À professora Ana Gabriela Alves Medeiros, cujo olhar crítico e ao mesmo tempo humano ampliou minha compreensão sobre o papel da Educação Física e da pesquisa na formação docente. Ao professor Jorge Adilson Gondim Pereira, que, com sua forma única de ensinar, contribuiu para que eu desenvolvesse um pensamento educacional mais sensível, consciente e comprometido com a realidade social. À professora Kayala Oliveira Souza, que sempre acreditou em mim e que, com suas palavras de incentivo e confiança, me ajudou a reconhecer minhas próprias capacidades quando eu ainda não tinha clareza delas. E ao meu orientador, Marlon Messias Santana Cruz, agradeço pela orientação e pela tranquilidade com

que conduziu cada etapa deste processo. Mesmo com uma rotina cheia, ele contribuiu nos momentos necessários e ofereceu direcionamentos que ajudaram a estruturar minha escrita e meu percurso de pesquisa. Cada um de vocês deixou em mim marcas que ultrapassam a sala de aula. Levarei para a vida os ensinamentos, as reflexões e o exemplo que cada professor e professora me deu ao longo da graduação. Vocês fazem parte desta conquista.

Aos funcionários e funcionárias da UNEB, deixo meu agradecimento sincero. Às tias da limpeza (Tia Lú, Tia Cris), muito obrigado por cada gesto de cuidado ao longo da minha graduação e por nunca deixar o cafezinho de todas as manhãs faltar, mesmo depois de ter sido proibido dar café para os alunos. À Vandearley Borges, agradeço pela atenção constante, por sempre me orientar e por resolver tantas questões burocráticas, sozinho eu não saberia como proceder. Seu suporte foi essencial em momentos importantes. A Marcelo Alves, minha gratidão pela oportunidade que me deu de morar na residência universitária no meu último ano de graduação, algo que facilitou muito a minha permanência no curso e me deu condições reais de seguir estudando. Sei que, sem essa chance, a caminhada teria sido muito mais pesada. A cada servidor e servidora que cruzou meu caminho, deixo meu reconhecimento. Vocês fazem parte da construção desta conquista, mesmo nos gestos simples do dia a dia.

Minha gratidão especial à instrutora Branca de Neve, peça fundamental no reencontro entre mim e a capoeira após tantos anos afastado. Obrigado por reacender em mim uma história que estava adormecida, por enxergar meu potencial quando eu ainda duvidava dele, por me orientar com firmeza e seriedade, por me provocar, me ensinar e me inspirar. Sua condução firme, sua energia e sua dedicação transformaram minha forma de entender a capoeira, a educação e a mim mesmo. Muito do que eu sou hoje como educador nasce do que aprendi observando seu trabalho. Levarei seus ensinamentos para cada roda que eu abrir na vida.

Eu caminhei, meu mano, eu caminhei¹
Como eu andei, pra chegar até aqui
Sei que tem o caminho de flores
Mas foi de espinho o que eu percorri
Quem tem tudo de mão beijada
Não dá valor, foi assim que aprendi

¹ Eu caminhei meu mano (Gilmar Carneiro - Mestre Tamanduá)
Letrista e composição

RESUMO

O presente trabalho aborda sobre o ensino da capoeira em espaços não escolares, compreendendo-a como prática educativa, cultural e social. A pesquisa partiu da seguinte questão: como a roda de capoeira pode se constituir em um espaço educativo capaz de promover aprendizagens significativas e o desenvolvimento integral dos participantes? Teve como objetivo geral compreender o processo de ensino da capoeira em espaços não escolares, analisando as potencialidades pedagógicas da roda de capoeira no projeto Esporte Por Toda Parte - EPTP, na cidade de Guanambi–BA. Para alcançar esse propósito, adotou-se uma abordagem qualitativa de caráter exploratório e descritivo, fundamentada na pesquisa narrativa autobiográfica, que permitiu refletir criticamente sobre a própria trajetória do autor enquanto capoeirista e educador em formação. Os procedimentos metodológicos envolveram resgate de memórias, relatos reflexivos e registros de campo produzidos ao longo da atuação docente no projeto. As interpretações da pesquisa evidenciam que a capoeira, quando compreendida como prática educativa, ultrapassa o ensino técnico e assume dimensões formativas, éticas e culturais, promovendo valores como respeito, solidariedade, identidade e pertencimento. Assim, constatou-se que a roda de capoeira se configura como um território pedagógico e simbólico, onde os sujeitos aprendem por meio da experiência, da oralidade e da convivência coletiva.

Palavras-chave: Capoeira. Educação não escolar. Prática pedagógica. Narrativa autobiográfica.

ABSTRACT

This paper addresses the teaching of capoeira in non-school settings, understanding it as an educational, cultural, and social practice. The research started from the following question: how can the capoeira circle constitute an educational space capable of promoting meaningful learning and the integral development of the participants? Its general objective was to understand the teaching process of capoeira in non-school settings, analyzing the pedagogical potential of the capoeira circle in the "Esporte Por Toda Parte" (Sport Everywhere) project in the city of Guanambi, Bahia, Brazil. To achieve this purpose, a qualitative approach of an exploratory and descriptive nature was adopted, based on autobiographical narrative research, which allowed for critical reflection on the author's own trajectory as a capoeirista and educator in training. The methodological procedures involved the retrieval of memories, reflective accounts, and field notes produced throughout the teaching activity in the project. The research interpretations show that capoeira, when understood as an educational practice, goes beyond technical instruction and takes on formative, ethical, and cultural dimensions, promoting values such as respect, solidarity, identity, and belonging. Thus, it was found that the capoeira circle is configured as a pedagogical and symbolic territory, where individuals learn through experience, orality, and collective interaction.

Keywords: Capoeira. Non-formal education. Pedagogical practice. Autobiographical narrative.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EPTP	Esporte Por Toda Parte
IA	Inteligência Artificial
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
ONG	Organização Não Governamental
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
PROAMA	Programa de Atividade Motora Adaptada
PROINN	Programa de Iniciação à Docência Norma Neyde
UATI	Universidade Aberta à Terceira Idade
UFOB	Universidade Federal do Oeste da Bahia
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UPT	Universidade Para Todos

SUMÁRIO

1 MEMORIAL	11
1.1 PRIMEIROS PASSOS NA CAPOEIRA	11
1.2 ENTRE AFASTAMENTOS E PERSISTÊNCIAS	13
1.3 TRAJETÓRIA NA UNIVERSIDADE	14
1.4 O INÍCIO DA PRÁTICA DOCENTE NO PROJETO EPTP	17
2 INTRODUÇÃO	18
3 METODOLOGIA	22
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	25
4.1 ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DA CAPOEIRA	25
4.2 SABERES E CONHECIMENTOS ALÉM DA TÉCNICA	28
4.3 A EDUCAÇÃO NÃO ESCOLAR E O PAPEL DO CAPOEIRISTA COMO MEDIADOR CULTURAL	31
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	35

1 MEMÓRIAS DA FORMAÇÃO COMO EDUCADOR E CAPOEIRISTA

Cada trajetória é construída por experiências que deixam marcas profundas na memória e no corpo. Essas vivências, marcadas por desafios e conquistas, constituem elementos fundamentais na construção da identidade e na compreensão das relações sociais e culturais. A ideia de desenvolvimento desta pesquisa nasce do desejo de revisitar a minha trajetória e reconhecer os caminhos que me constituíram como sujeito e educador. Ao retomar esse percurso, busca-se compreender e refletir sobre a própria prática pedagógica. Em especial, destaca-se a capoeira como parte essencial desse caminho, uma prática que ultrapassa o gesto físico e se transforma em expressão cultural, identidade e resistência. Assim, cada etapa vivenciada revela aprendizagens, afetos e descobertas que me constituem como capoeirista, educador e pesquisador em formação. Esta pesquisa é, portanto, um convite para refletir sobre as memórias que deram sentido ao meu processo de formação pessoal e profissional.

1.1 PRIMEIROS PASSOS NA CAPOEIRA

Essa história tem início em Serra do Ramalho - Bahia, no ano de 2008, quando o mestre Xaulin² fundou o grupo de capoeira Brilho do Sol na comunidade da Agrovila 22³. As aulas aconteciam na pracinha da comunidade durante a semana e, aos finais de semana, na Escola Municipal Manoel Bandeira. Foi nesses espaços que tive meu primeiro contato com a capoeira, manifestação cultural que, sem que eu soubesse naquele momento, marcaria profundamente a minha trajetória pessoal e profissional.

O grupo Brilho do Sol existiu por aproximadamente dois anos e nesse período vivi experiências que ultrapassaram o simples ato de aprender movimentos corporais. A capoeira se tornou, para mim, um espaço de convivência, aprendizado e expressão, com a qual pude desenvolver não apenas habilidades físicas, mas também valores como respeito, solidariedade

² Foi utilizado os apelidos de capoeira para referir-se aos sujeitos mencionados, como forma de preservar suas identidades civis e, ao mesmo tempo, respeitar a tradição cultural da capoeira. Na capoeira, é comum que cada praticante receba um apelido, que passa a identificá-lo dentro do grupo e da comunidade. Esse apelido carrega significados simbólicos e culturais, representando aspectos da personalidade, da história ou das experiências do capoeirista, e constitui uma tradição histórica de pertencimento e reconhecimento dentro da capoeira.

³ A Agrovila 22 é uma das comunidades que compõem o município de Serra do Ramalho, localizado no oeste da Bahia. Essas agrovilas foram criadas a partir do processo de reassentamento de famílias atingidas pela construção da barragem de Sobradinho, na década de 1970, formando núcleos habitacionais organizados em torno de atividades agrícolas e comunitárias.

e coletividade. Recordo com muita nitidez as apresentações realizadas em outras comunidades e escolas, momentos de alegria e orgulho compartilhados com meus colegas de treino.

As aulas do mestre Xaulin eram sempre criativas e desafiadoras. Ele usava brincadeiras e desafios para estimular a participação dos alunos e desenvolver aspectos motores como flexibilidade, equilíbrio, força e resistência. Uma das atividades que mais me marcou foi o “desafio do chinelo”, realizado em alguns momentos específicos dos treinos, o qual ele segurava um chinelo na mão e o objetivo era acertá-lo com o pé. Eventualmente quem conseguisse ganhava um doce como incentivo. Outra dinâmica que me marcou bastante envolvia pegar um objeto no chão com a boca, fazendo o movimento do au⁴, o que exigia concentração, controle corporal e coragem. Esses desafios tornavam o aprendizado divertido e despertavam em mim o desejo constante de superação e aprimoramento.

Em 2009, com apenas 10 anos de idade, recebi minha primeira graduação: o cordão azul. Embora fosse uma graduação infantil, esse momento teve grande significado simbólico para mim, pois representava reconhecimento e incentivo para continuar trilhando o caminho da capoeira. A partir daí, passei a me destacar nas aulas por minha dedicação e interesse. O mestre Xaulin, percebendo isso, começou a me confiar pequenas responsabilidades: às vezes eu conduzia o alongamento; outras vezes o aquecimento; e, em algumas ocasiões, ele me deixava “puxar o treino”. Essa confiança foi fundamental para o meu desenvolvimento, pois me fez compreender, ainda criança, o valor da autonomia, da liderança e do compromisso coletivo.

Xaulin era um homem de coração gigante, que acreditava na capoeira como ferramenta de transformação social. Contudo, na comunidade, ele era frequentemente incompreendido e julgado. Muitos o viam como um “vagabundo sem futuro”, alguém que não se firmava em trabalho algum. Essa falta de reconhecimento mostra, de certa forma, o quanto a capoeira e seus mestres ainda são discriminados em alguns contextos, apesar de sua importância cultural e educativa. Infelizmente, por não criar raízes na comunidade, Xaulin acabou se mudando em 2010 e, com sua partida, o grupo Brilho do Sol também chegou ao fim.

Mesmo com o encerramento do grupo, as sementes plantadas permaneceram. Foi através dessa vivência inicial que comecei a construir minha identidade docente. O que aprendi naquele período foi muito mais do que golpes e movimentos; aprendi a importância de ouvir, respeitar e aprender com o outro.

⁴ O au é um movimento fundamental da capoeira, semelhante à estrela da ginástica, realizado com apoio das mãos no chão e o corpo em rotação lateral. É utilizado tanto como deslocamento quanto como estratégia de ataque ou defesa.

ENTRE AFASTAMENTOS E PERSISTÊNCIAS

Entre os anos de 2010 e 2022, vivi um período marcado por afastamentos, persistência e construção gradual do meu projeto de vida. Após o encerramento do grupo Brilho do Sol e a saída de Xaulin da comunidade, não tive mais contato direto com a capoeira. Ainda assim, os valores aprendidos naquele espaço continuaram presentes de forma silenciosa, especialmente no modo como passei a encarar os estudos e minhas responsabilidades.

Durante a educação básica, mantive-me focado na vida escolar, obtendo reconhecimento pelo meu desempenho acadêmico. Em 2012 e 2013, fui eleito aluno nota 10 da Escola Manoel Bandeira, experiências que fortaleceram minha relação com o conhecimento e ampliaram minha confiança enquanto estudante. Em 2016, concluí o ensino médio e realizei o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM); contudo, não obtive aprovação em cursos superiores naquele momento, o que me levou a buscar novas possibilidades fora do meu estado de origem.

Ainda em 2016, mudei-me para São Paulo, vivenciando um período de deslocamento e adaptação, que contribuiu para meu amadurecimento pessoal. No ano seguinte, retornei à Bahia e retomei os estudos de forma autônoma, realizando novamente o ENEM em 2017. Nesse processo, fui aprovado no curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), no campus de Santa Maria da Vitória, embora tenha optado por não efetivar a matrícula, por compreender que aquele não era o caminho formativo que desejava seguir.

Em 2018, passei a residir com meus avós, na cidade de Palmas de Monte Alto, com o objetivo de intensificar minha preparação para o ingresso no ensino superior. Nesse período, participei do cursinho pré-vestibular Universidade Para Todos (UPT) e realizei novamente o ENEM, ainda que, naquele momento, não tenha acompanhado o resultado do processo seletivo. Já em 2019, iniciei um curso técnico em Administração, que foi concluído em 2020 de forma remota, em virtude da pandemia da Covid-19, experiência que exigiu adaptação e autonomia nos estudos.

No ano de 2021, retornei ao UPT, desta vez na modalidade online, mantendo o compromisso com a formação e a busca por uma trajetória acadêmica consistente. Realizei novamente o ENEM e acompanhei atentamente os resultados, sendo aprovado, já na primeira chamada, no curso de Educação Física da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XII. Essa conquista representou não apenas o ingresso no ensino superior, mas a consolidação de um caminho construído com persistência, esforço e resiliência, que se articula diretamente com as experiências formativas e os valores que hoje orientam minha identidade docente.

1.2 TRAJETÓRIA NA UNIVERSIDADE

Em 2022, ingressei na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), no curso de Educação Física, um momento de muita alegria e realização pessoal. Iniciar a formação superior representou muito mais do que o alcance de um objetivo acadêmico, foi a concretização de um sonho construído ao longo de muitas vivências, marcadas por esforço, curiosidade e amor pela educação. Desde o início da graduação, sempre esteve presente em mim o desejo de ser professor de Educação Física em escola pública, atuando com compromisso e transformação social.

Esse desejo se intensificou ainda mais no primeiro ano do curso, quando fui aprovado na seleção do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Essa experiência representou um divisor de águas na minha formação como futuro professor. Mais do que uma bolsa de iniciação à docência, o PIBID se constituiu como um espaço de aprendizagem crítica e de construção da identidade docente, permitindo-me compreender de forma mais ampla os desafios e as possibilidades da prática pedagógica. A atuação no programa possibilitou o contato direto com o ambiente escolar, com seus múltiplos contextos e realidades, o que contribuiu para fortalecer minha percepção de que o ato de ensinar vai muito além da transmissão de conteúdo. Envolve sensibilidade, escuta e compromisso ético e político com os sujeitos do processo educativo. Essa experiência foi essencial para reafirmar meu desejo de atuar na educação pública, entendendo o professor como agente transformador e a escola como um espaço de diálogo, diversidade e emancipação humana.

O período da graduação também ficou marcado pelas experiências extracurriculares, que vivi de forma intensa e comprometida. Entre 2022 e 2024, participei, como voluntário, do projeto Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI), uma vivência enriquecedora que me ensinou sobre sensibilidade, empatia e respeito ao corpo e às diferentes fases da vida. Ainda em 2022, participei do projeto “Voleibol como meio de inclusão social e incentivo ao esporte de lazer”, que me permitiu compreender o esporte como ferramenta educativa e de inclusão.

Em 2024, atuei como bolsista no Programa de Iniciação à Docência Norma Neyde (PROINN), ampliando minha visão sobre o ensino, os desafios da prática docente e despertando reflexões sobre o papel da Educação Física na formação cidadã dos estudantes. O PROINN foi, sem dúvida, um espaço de amadurecimento pedagógico, de construção de identidade docente e de reafirmação do meu propósito socioprofissional.

No ano seguinte, em 2025, integrei o Programa de Atividade Motora Adaptada (PROAMA), voltado ao trabalho com pessoas com deficiência, o que me fez refletir ainda mais sobre a importância da Educação Física inclusiva e do respeito às singularidades de cada corpo. No mesmo período, participei também da monitoria de ensino do componente “Conhecimento e Metodologia da Ginástica” como voluntário, fortalecendo processos didáticos e o domínio dos conteúdos da área.

Durante a graduação, tive a oportunidade de ingressar no Grupo de Pesquisa EduSertão – Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Educação Física, Esporte e Lazer, vinculado ao Departamento de Educação do Campus XII da UNEB. Fazer parte desse grupo ampliou minha compreensão sobre a pesquisa científica e o papel social da universidade pública. Outro momento significativo foi minha participação no movimento estudantil, integrando o Diretório Acadêmico de Educação Física como presidente (gestão 2025/2026), onde aprendi sobre coletividade, representação e defesa dos direitos estudantis.

Entretanto, o momento mais marcante da minha trajetória acadêmica aconteceu quando me reencontrei com a capoeira, depois de quatorze anos afastado. Esse reencontro aconteceu em agosto de 2024, no início do 6º semestre da graduação, quando tive contato com o componente curricular “Conhecimentos e Metodologia da Capoeira”. Desde o primeiro dia de aula, senti como se uma parte da minha história voltasse a se apresentar diante de mim. As discussões teóricas me levaram a lembrar das rodas, dos colegas e das brincadeiras do antigo grupo Brilho do Sol, em Serra do Ramalho. As lembranças vieram acompanhadas de um misto de alegria e curiosidade: alegria por reviver algo que fez parte da minha infância e curiosidade por compreender agora, com outro olhar, o significado da capoeira dentro da Educação Física e da cultura brasileira.

Ao longo das primeiras aulas, percebi que esse reencontro não se tratava apenas de reviver o passado, mas de reconhecer a importância que a capoeira teve na minha formação/constituição pessoal. Foi um processo de retorno e ao mesmo tempo de redescoberta. O conteúdo abordado nas aulas teóricas me ajudou a entender aspectos que antes eu apenas vivenciava, como a história da capoeira, suas origens e o papel social que desempenha na valorização da cultura afro-brasileira. Quando o professor anunciou que teríamos vivências práticas, senti novamente a empolgação de quando era criança. Eu sabia que aquele momento seria diferente, pois agora eu voltava para a roda como alguém em formação universitária, preocupado com o ensino, alguém que poderia olhar para a capoeira não apenas como aluno, mas como futuro educador.

As vivências do componente curricular foram conduzidas pela então monitora Branca de Neve, hoje instrutora⁵ e presidente da Associação Guanambiense de Capoeira Ginga Bahia. Desde a primeira aula, percebi o quanto sua presença seria importante naquele processo. Ela tinha uma forma muito própria de conduzir as aulas, sendo firme, mas sempre acolhedora. Foi através da sua maneira de ensinar que a capoeira voltou a fazer parte da minha rotina e, de certo modo, da minha própria formação. Por meio das suas orientações e da forma como conduzia as aulas que voltei a sentir o prazer de estar na capoeira, não apenas como prática corporal, mas como um espaço de pertencimento. Por isso, sou muito grato a ela pelos ensinamentos e principalmente por ter ajudado a retomar essa ligação, que estava, até então, adormecida.

Entre as experiências dessa retomada, a aula de campo realizada em Salvador ocupa um lugar especial na memória construída ao longo da formação. A viagem foi além de uma atividade curricular, tornando-se um momento de reconhecimento e valorização da história que molda essa trajetória. Caminhar por espaços que guardam a memória viva da capoeira, ouvir histórias de mestres, ver o berimbau ecoar nas ladeiras e praças foi como revisitar o passado com novos olhos. Nesse contexto, o contato e a escuta de Pedro Abib, referência nos estudos sobre capoeira e cultura popular, contribuíram para aprofundar a compreensão de que a capoeira não se constitui apenas como prática corporal, mas como fenômeno histórico, educativo e cultural. Cada canto e cada roda de capoeira presenciada reforçavam a ideia de que a capoeira vive nas pessoas que a mantêm e na história que ela carrega.

Essa caminhada se fortaleceu ainda mais com a organização do I Encontro de Capoeira da UNEB, Campus XII. A participação ativa na construção desse evento possibilitou compreender a potência do trabalho coletivo na valorização da capoeira no espaço universitário. O encontro promoveu intensas trocas de saberes entre mestres, professores e estudantes, destacando-se o contato com o mestre Falcão, cuja produção teórica também integra o referencial deste estudo. As conversas, reflexões e rodas de capoeira realizadas ao longo do evento reafirmaram a capoeira como um espaço educativo, cultural e formativo. Vivenciar a concretização do encontro, após um processo coletivo de organização, fortaleceu o sentimento de pertencimento e a convicção de que o percurso formativo trilhado estava alinhado aos princípios que orientam a prática pedagógica com a capoeira.

⁵ Na capoeira, as graduações são atribuídas conforme o tempo de prática, experiência e responsabilidade dentro do grupo. O termo monitora indica uma praticante em formação para ensinar, com funções de apoio pedagógico e condução de atividades. Já o termo instrutora refere-se a uma graduação mais avançada, concedida a quem já possui autonomia para ministrar aulas, orientar alunos e representar o grupo em diferentes espaços.

1.4 O INÍCIO DA PRÁTICA DOCENTE NO PROJETO EPTP

Em 2025, recebi um convite feito pela instrutora Branca de Neve para integrar sua equipe de estagiários no projeto “Esporte por Toda Parte” (EPTP), do qual ela era coordenadora. O projeto realizado na cidade de Guanambi-BA, de caráter social e educativo, tem como objetivo promover o acesso ao esporte e à cultura em diferentes comunidades, especialmente entre crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social e econômica. O EPTP busca, por meio de práticas corporais diversas, fortalecer valores como o respeito, a cooperação e a inclusão, oferecendo um espaço seguro de aprendizado e convivência.

Aceitar esse convite foi motivo de grande orgulho e ao mesmo tempo de profunda responsabilidade. Fazer parte de um projeto com essa dimensão social significava, para mim, assumir um papel ativo na transformação da realidade de outras pessoas, assim como a capoeira transformou a minha. Em cada roda de capoeira, em cada atividade, em cada dinâmica eu busco reconhecer o poder educativo da capoeira como ferramenta de emancipação e pertencimento.

Mais do que uma oportunidade profissional, o EPTP simbolizou a continuidade de um ciclo iniciado lá atrás, quando o mestre Xaulin, no grupo Brilho do Sol, confiava em mim pequenas tarefas como puxar o alongamento, conduzir o aquecimento ou orientar os colegas. Hoje, aquele menino curioso e dedicado se tornou o capoeirista/educador social responsável por um núcleo de capoeira com mais de 40 crianças, vivenciando na prática o sentido da Educação Física como instrumento de inclusão e transformação social, além de mantenedor de uma manifestação cultural de relevância sócio-histórica. Essa experiência reafirmou minha convicção de que a capoeira não é apenas uma expressão corporal, mas também um caminho para ensinar, aprender e construir pontes entre histórias e gerações.

1 INTRODUÇÃO

A capoeira, originária da diáspora africana, constitui-se como uma manifestação cultural afro-brasileira que articula corpo, música, ancestralidade e resistência. Por quase cinquenta anos, essa manifestação que abrange dimensões educativas, artísticas, éticas, lúdicas, históricas, estéticas e políticas, foi alvo de forte marginalização e criminalização por parte do Estado brasileiro. Apesar disso, “[...] a capoeira demonstrou a sua capacidade de resistir e de se reinventar para se afirmar socialmente e, a partir da década de 1970, se espalhar por todo o mundo como uma exuberante prática corporal” (Falcão, 2018, p. 75).

Ao longo do tempo, a capoeira deixou de ser apenas um instrumento de resistência cultural e física contra a opressão colonial e passou a ocupar também os espaços da educação escolar e não escolar. Estimativas apontam que experiências sistematizadas envolvendo essa prática corporal são verificadas em mais de 160 países em todos os continentes. Esse processo de internacionalização da capoeira contribuiu para que ela se tornasse a principal difusora da língua portuguesa no mundo (IPHAN, 2015).

No contexto das políticas públicas, ela tem sido inserida em projetos sociais como instrumento de inclusão, fortalecimento identitário e promoção da cidadania. O Ministério da Cultura tem sido protagonista na formulação dessas políticas para a capoeira. Entretanto, os escassos e precários projetos implementados, ainda que tenham redimensionado a relação do Estado com a capoeira, são insuficientes e ineficientes para uma necessária democratização dessa prática corporal (Costa, 2010).

Nos dias atuais, a capoeira tem sido utilizada como ferramenta educativa, especialmente junto a crianças e adolescentes, não como alternativa ao ensino escolar, pois isso nem é possível legalmente e nem desejável, mas como possibilidade de abertura para outros modos de promover a formação pessoal (Falcão, 2018). A capoeira, quando compreendida como prática educativa, contribui para esse processo transformador ao promover a valorização da cultura negra, o reconhecimento da corporeidade e o exercício da escuta e da convivência coletiva.

De acordo com Capoeira (1992, p. 22):

Com o tempo, com o processo de aprendizado com os diferentes jogos realizados com amigos e desconhecidos em diferentes rodas, o aprendiz sofre um processo mental e físico – e, quem sabe, espiritual também – que vai modificando sua maneira de ser; vai modificando a forma com que “vê” e entende as outras pessoas; vai transformando o seu relacionamento com o mundo e a sociedade.

Essa reflexão traduz de forma precisa o caráter formativo da capoeira, que ultrapassa a dimensão técnica e corporal, alcançando aspectos éticos, sociais e humanos. O aprendizado que ocorre nas rodas de capoeira, como aponta o autor, transforma o modo de perceber o mundo e de se relacionar com o outro. É nesse contexto que emerge o projeto “Esporte Por Toda Parte”, uma iniciativa de educação não escolar que busca, por meio de práticas esportivas e culturais, ampliar o acesso à cidadania e aos direitos sociais. “[...] A capoeira é, pela sua origem, pela sua história, um excelente instrumento de integração social e de educação”. “[...] É uma arte que demonstra ser possível viver em harmonia independentemente da cor da pele ou origem social (Santos, 2019, p. 16).

A partir das experiências vivenciadas nas rodas de capoeira, percebe-se⁶ que essa prática se torna um espaço de encontro entre diferentes histórias, realidades e modos de ser. Essa convivência cotidiana mostra que a capoeira tem o poder de aproximar pessoas, romper preconceitos e fortalecer vínculos comunitários. No EPTP, essa prática se transforma em um verdadeiro território educativo, onde o corpo, a cultura e a ancestralidade dialogam com as experiências de vida dos participantes.

Conforme Abreu (1999), a roda de capoeira configura-se como um espaço privilegiado de aprendizagem, no qual o conhecimento é construído a partir da vivência e da interação entre mestre e aprendiz. Diferentemente das metodologias atuais, baseadas em repetições de movimentos e sequências técnicas, o aprendizado tradicional ocorria de forma situacional e contextualizada, dentro do próprio jogo. O aluno aprendia observando, reagindo e interpretando as situações que surgiam espontaneamente na roda, sendo orientado pelo toque e pelos conselhos do mestre. Dessa maneira, a roda de capoeira ultrapassa a dimensão do treino físico, transformando-se em um território pedagógico e cultural, onde se desenvolvem saberes corporais, éticos e simbólicos transmitidos oralmente e vivenciados coletivamente.

Apesar da recente inserção do pesquisador na capoeira, no projeto EPTP assume-se a responsabilidade e o compromisso de compartilhar os ensinamentos recebidos do mestre Xaulin, bem como os que vêm sendo constantemente aprofundados com a instrutora Branca de Neve e com o mestre Ravi. Afirma-se, nesse contexto, que se ensina o que se sabe e se aprende aquilo que se ensina, compreensão que expressa a concepção de que o verdadeiro papel do professor, estar em constante aprendizado, reconhecendo nos alunos e alunas não apenas

⁶ Embora se trate de uma pesquisa narrativa autobiográfica, optou-se pela utilização de uma escrita em terceira pessoa e por uma linguagem impessoal ao longo do texto. Tal escolha metodológica teve como objetivo conferir maior distanciamento analítico à narrativa, sem descaracterizar o caráter autobiográfico da pesquisa, bem como dialogar com as exigências da escrita acadêmica, preservando o rigor científico e a coerência com os referenciais teórico-metodológicos adotados.

receptores de conhecimento, mas sujeitos ativos e também transmissores de saberes. Essa concepção dialoga com a pedagogia freiriana, segundo a qual “ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (Freire, 1996, p. 79).

A educação que ocorre na roda de capoeira é, portanto, dialógica, crítica e sensível à realidade dos sujeitos que a compõem. A escuta é fundamental nesse processo, assim como o respeito ao tempo e à trajetória de cada aluno e aluna. Ensinar capoeira, nesse sentido, é também educar para a cidadania, para o respeito às diferenças, para o cuidado com o outro e com o coletivo.

A capoeira, como prática educativa, desafia as lógicas tradicionais de ensino que separam corpo e mente, teoria e prática. Segundo Fonseca (2008), a capoeira não é apenas um conjunto de movimentos corporais; ela é uma pedagogia em si, que ensina valores, comportamentos e formas de ver o mundo. Sua potência está justamente na articulação entre experiência, expressão e resistência, características que a tornam uma ferramenta poderosa no campo da educação não escolar.

Este trabalho tem como objetivo compreender como se dá o processo de ensino da capoeira em espaços não escolares, analisando de que maneira a roda de capoeira pode se constituir como um espaço educativo capaz de promover o desenvolvimento físico, social, cultural e emocional dos participantes. Além disso, busca-se analisar criticamente a prática pedagógica do pesquisador, tomando como ponto de partida as experiências vividas enquanto capoeirista e educador em formação. A partir de uma abordagem narrativa autobiográfica, busca-se refletir sobre as possibilidades pedagógicas da capoeira no campo da educação não escolar, reconhecendo o valor dos saberes construídos na vivência, na escuta e na relação com o outro. Para tanto, adota-se uma postura investigativa sensível, que considera a singularidade dos sujeitos envolvidos e reconhece a potência formativa dos encontros e aprendizagens que emergem da roda de capoeira.

Ao narrar a prática pedagógica do educador em formação na capoeira, busca-se contribuir para o debate sobre os modos de ensinar e aprender fora da escola, a partir de uma experiência em um projeto social desenvolvido por meio de uma política pública de esporte, lazer e cultura. Ao colocar a capoeira no centro da reflexão pedagógica, este trabalho pretende afirmar sua relevância como prática educativa potente, que ensina a viver com o outro, a resistir com o corpo e a sonhar com liberdade.

A escolha de investigar o ensino da capoeira em espaços não escolares justifica-se pela relevância de reconhecer práticas educativas que ocorrem fora do ambiente escolar tradicional, mas que exercem forte influência na formação cidadã. Além disso, é fundamental destacar o papel do(a) mestre(a) de capoeira/educador(a) como agente cultural e pedagógico, capaz de transformar a roda de capoeira em um espaço de aprendizagem e troca de saberes, onde o corpo, a música e a ancestralidade são ferramentas de ensino.

Assim, compreender o potencial pedagógico da roda de capoeira em espaços não escolares é reconhecer a riqueza dos saberes produzidos fora da escola e a potência formativa presente nas práticas culturais populares. Essa reflexão contribui para ampliar a visão sobre o ensino-aprendizagem e para propor novas perspectivas pedagógicas que dialoguem com a diversidade e com a realidade social dos alunos.

Dessa forma, este trabalho está organizado em cinco partes. Inicialmente, apresenta-se o memorial formativo, no qual é descrito a trajetória pessoal do autor e a relação construída com a capoeira desde a infância, destacando as experiências que marcaram sua formação humana e profissional. Em seguida, desenvolve-se a discussão teórica, reunindo autores que fundamentam a capoeira como prática cultural, pedagógica e formativa, abordando seus aspectos históricos, sociais e educativos.

Na terceira parte, descreve-se a metodologia, apresentada sob a perspectiva da pesquisa narrativa autobiográfica, explicando os caminhos percorridos, as escolhas metodológicas e a fundamentação que sustenta o estudo. Posteriormente, são apresentados os resultados e discussão, nos quais são analisadas as experiências do autor como educador no projeto Esporte Por Toda Parte (EPTP), articulando-as com a literatura e evidenciando aprendizagens, desafios e significados atribuídos à prática pedagógica na capoeira.

Por fim, na última parte, são tecidas as considerações finais, retomando-se os principais achados da pesquisa, evidenciando os sentidos da experiência vivida e apontando contribuições, limites e possibilidades futuras para o ensino da capoeira em espaços não escolares.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa está baseada na abordagem qualitativa, por compreender que os fenômenos educativos e culturais são complexos, subjetivos e carregados de significados que não podem ser mensurados. Segundo Martins (2004, p. 292):

As chamadas metodologias qualitativas privilegiam, de modo geral, da análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais. Realizando um exame intensivo dos dados, tanto em amplitude quanto em profundidade, os métodos qualitativos tratam as unidades sociais investigadas como totalidades que desafiam o pesquisador.

A perspectiva apresentada por Martins dialoga diretamente com a proposta desta pesquisa, uma vez que a abordagem qualitativa permite compreender os fenômenos em sua complexidade, valorizando as experiências e significados construídos pelos sujeitos envolvidos. Ao tratar as unidades sociais como totalidades, a autora destaca a importância de observar os processos em profundidade, considerando as dimensões subjetivas e contextuais que compõem cada vivência. Dessa forma, a abordagem qualitativa se mostra adequada para este estudo, pois possibilita analisar a prática pedagógica do pesquisador com a capoeira a partir de um olhar sensível e interpretativo, reconhecendo as relações, aprendizagens e sentidos que emergem no cotidiano das experiências educativas em espaços não escolares.

Para atender aos objetivos propostos, optou-se pela pesquisa narrativa autobiográfica como caminho metodológico, que para Souza; Meireles (2018, p. 287), este tipo de pesquisa vem sendo desenvolvida com o intuito de “[...] ouvir, compreender e apreender experiências de vida de uma diversidade de sujeitos implicados em contextos educacionais e sociais”. A narrativa autobiografia, enquanto instrumento de investigação, permite refletir criticamente sobre a própria trajetória, resgatando memórias, práticas, afetos, saberes e experiências formativas que emergem do cotidiano e da vivência concreta.

No campo das pesquisas autobiográficas, Abrahão (2003) destaca que narrar a própria história constitui um processo relacional e formativo, no qual o sujeito produz sentidos sobre sua experiência, ressignificando percursos e aprendizagens. Nessa perspectiva, a narrativa ultrapassa o caráter descritivo e assume uma dimensão epistemológica, ao reconhecer o sujeito como produtor de conhecimentos a partir de sua trajetória. Tal compreensão sustenta a escolha metodológica desta pesquisa, que busca compreender a formação docente e a prática pedagógica a partir das experiências vividas com a capoeira.

A pesquisa autobiográfica também se insere no campo das chamadas pesquisas-formação. De acordo com Passeggi e Souza (2017), esse tipo de investigação considera o sujeito como protagonista de sua própria história, entendendo que contar a trajetória não significa apenas relatar fatos passados, mas elaborar sentidos, tensionar experiências e dialogar criticamente com referenciais teóricos. Assim, a narrativa torna-se um espaço de formação, no qual o ato de narrar contribui para a compreensão dos processos formativos vivenciados.

A contribuição de Nóvoa (1992) é central para compreender a articulação entre narrativa, formação e identidade docente. Para o autor, a formação de professores não se constrói exclusivamente nos espaços institucionais, mas ao longo da vida, por meio das experiências pessoais, profissionais e sociais. Nesse sentido, as histórias de vida permitem compreender como os sujeitos constroem sua identidade docente a partir das práticas, das relações e dos contextos nos quais estão inseridos. Ao adotar a narrativa autobiográfica, esta pesquisa reconhece que a prática pedagógica com a capoeira constitui um importante espaço formativo, mesmo fora do contexto escolar.

Para investigar a prática pedagógica do autor com a capoeira em espaços não escolares, realizou-se um conjunto de procedimentos qualitativos e narrativos voltados à análise das experiências vividas. A metodologia foi construída a partir de três eixos principais: o resgate de memórias, os relatos reflexivos e os registros de campo, que se complementam na produção de um olhar crítico e sensível sobre o processo educativo.

O resgate de memórias consistiu em revisitar episódios marcantes da trajetória como capoeirista e educador, reconstruindo de forma cronológica os momentos que contribuíram para a formação. Esse processo se deu por meio da escrita autobiográfica e da recuperação de registros pessoais, como fotografias, certificados, anotações e materiais de aula. Além de recuperar lembranças, buscou-se contextualizá-las e analisá-las a partir da trajetória atual, compreendendo como cada experiência influenciou na forma de ensinar e aprender capoeira. O resgate das memórias teve, portanto, caráter reflexivo e formativo, permitindo reconhecer continuidades, rupturas e sentidos atribuídos à prática.

Os relatos reflexivos foram elaborados durante todo o percurso da pesquisa, especialmente a partir de um diário de campo e de um diário reflexivo. No diário de campo, foram registradas observações imediatas sobre as atividades desenvolvidas: organização das aulas, dinâmicas das rodas, participação dos alunos e situações imprevistas. Já o diário reflexivo foi utilizado como espaço de elaboração crítica, no qual foram descritas percepções pessoais, sentimentos e aprendizagens decorrentes das experiências vividas. Esses relatos constituíram

um importante instrumento de análise do autor enquanto educador, ajudando a evidenciar como as práticas pedagógicas eram ressignificadas a partir da reflexão cotidiana.

Os registros de campo foram realizados com base na observação participante, uma vez que o autor atuou simultaneamente como capoeirista, educador e pesquisador. Durante as atividades, foram observadas atentamente as interações entre os participantes, as respostas corporais e os modos como o conhecimento era compartilhado dentro da roda. As observações foram sistematizadas em notas de campo detalhadas, complementadas por registros fotográficos (apenas para acesso pessoal) e documentos pedagógicos, como planos de aula. Esses registros constituíram o principal material empírico da pesquisa, permitindo analisar a dinâmica do processo educativo e o papel da capoeira como prática formativa nos espaços não escolares.

Essa postura investigativa é sustentada por uma escuta atenta dirigida tanto ao próprio percurso do autor quanto aos sujeitos com os quais compartilhou a experiência da capoeira: mestres, capoeiristas, educadores/as, crianças e adolescentes do projeto em que atuou. Ao reconstruir essa trajetória, busca-se evidenciar os saberes construídos na prática, bem como a potência pedagógica da roda de capoeira enquanto espaço de diálogo, corporeidade, cultura e ancestralidade.

A sistematização do material autobiográfico foi organizada em eixos temáticos emergentes das próprias narrativas, articulando os elementos subjetivos da experiência com as discussões teóricas do campo da educação não escolar, da pedagogia da capoeira e das epistemologias do corpo e da cultura popular.

A pesquisa autobiográfica, portanto, não pretende oferecer respostas generalizáveis, mas aprofundar a compreensão sobre um processo formativo vivido e refletido a partir da experiência concreta. Como aponta Josso (2020), ao narrar a própria história de formação, o sujeito mobiliza um saber sensível que possibilita compreender a si, ao outro e ao mundo de maneira crítica e implicada.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados e as discussões deste trabalho emergem diretamente das experiências vividas ao longo do percurso formativo narrado no memorial, especialmente dos momentos em que a capoeira se fez presente como prática, reencontro e atuação pedagógica. Assim, as análises apresentadas não partem de dados numéricos ou instrumentos estatísticos, mas de sentidos construídos nas vivências relatadas, nas observações feitas no cotidiano do projeto EPTP e nas memórias que compõem a relação do autor com a capoeira desde a infância.

A condução dessa etapa se dá, portanto, por meio da articulação entre os episódios narrados e os referenciais teóricos que fundamentam esta pesquisa, possibilitando compreender como determinados acontecimentos, escolhas, desafios e aprendizagens contribuíram para a construção da identidade docente do autor. Cada trecho analisado é retomado à luz de autores que discutem formação, narrativa, corpo, cultura e práticas pedagógicas, de modo a evidenciar o que essas experiências revelam sobre o ensinar e aprender capoeira no contexto não escolar.

Desse modo, os resultados e discussões se organizam como um movimento reflexivo que interpreta as vivências descritas, relacionando-as tanto ao campo da Educação Física quanto à capoeira enquanto prática cultural, educativa e formativa. O objetivo não é apenas descrever o vivido, mas compreender o sentido dele e mostrar como essa trajetória fundamenta o modo de atuação do autor como educador.

4.1 ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DA CAPOEIRA

No contexto do projeto Esporte Por Toda Parte, onde se desenvolve a prática pedagógica do autor, observa-se que ensinar capoeira em um espaço não escolar exige estratégias próprias, que conciliem ludicidade, técnica, musicalidade e valorização cultural. A roda de capoeira, nesse cenário é, conforme afirma Garcia (2021), um lugar de encontro, de troca e de construção coletiva de saberes. É mais do que uma estrutura circular em que se joga o jogo, ela é um espaço simbólico, educativo e cultural profundamente enraizado nas tradições afro-brasileiras. Nela, manifestam-se saberes corporais, musicais, éticos e históricos que constituem uma pedagogia própria construída na vivência, na oralidade e na ancestralidade. Foi nesse ambiente que foram elaboradas estratégias pedagógicas, buscando sempre equilibrar momentos de descontração com momentos de cobrança técnica, de reflexão e de aprofundamento histórico-cultural.

Antes mesmo do início oficial da aula, é comum sempre uma conversar com os alunos que chegam mais cedo. Nesses momentos, são feitos questionamentos sobre os treinos realizados em casa, sobre o que conseguiram praticar sozinhos e há incentivo para que mostrem suas evoluções. Em muitos casos, essa aproximação ocorre de forma espontânea, quando os próprios alunos se aproximam para demonstrar o aperfeiçoamento de um movimento ou a superação de uma dificuldade. Esses instantes, ainda que breves, possuem grande valor pedagógico, pois permitem acompanhar de perto o progresso individual de cada aluno, ao mesmo tempo em que fortalecem os laços de confiança e o sentimento de pertencimento ao grupo.

As aulas sempre se iniciam com alongamentos, alternando-se entre alongamentos individuais, em duplas e em grupos, frequentemente realizadas de forma lúdica. Busca-se trazer dinâmicas, jogos diferenciados e adaptados ao ensino da capoeira, de modo a despertar o interesse e preparar o corpo para os movimentos. Entre as estratégias, destaca-se a realização de circuitos, nos quais são organizadas estações com diferentes desafios, como ginga, esquiva, golpes, rolê e aú, estimulando os alunos a percorrerem o percurso em clima de brincadeira, mas já inseridos no universo da capoeira.

Embora o início das aulas seja marcado por jogos e dinâmicas, busca-se equilibrar a ludicidade com a exigência técnica. Compreende-se que a capoeira é também disciplina, precisão e cuidado com os movimentos. Assim, há uma cobrança pela execução correta, principalmente daqueles alunos e alunas que já possuem mais tempo de prática. Por exemplo, ao ensinar o movimento da armada, não se valoriza apenas a repetição, mas também se estimula a postura adequada, o giro completo e a finalização correta, explicando aos alunos a importância de executar com qualidade, tanto para o aprendizado quanto para a segurança. Dessa forma, constrói-se um ambiente em que a diversão motiva e aproxima, mas a técnica garante a seriedade e a continuidade do aprendizado.

A roda de capoeira constitui-se como um importante ambiente de aprendizagem utilizado nas aulas. É nesse espaço que os alunos têm a oportunidade de vivenciar o jogo e aplicar, de forma prática, os movimentos aprendidos. A roda é organizada de modo a garantir a participação de todos, respeitando diferentes níveis de experiência e incentivando a interação entre os praticantes. Durante os jogos, são observados aspectos técnicos, como a execução correta dos movimentos, mas também a criatividade, a capacidade de improviso e o diálogo corporal estabelecido entre os alunos.

Antes de serem criadas as “escolas” ou academias de capoeira, a sua forma de aprender era chamada “oitiva”. Abib (2005, p.123) nos explica que “[...] a oitiva se constitui como um claro exemplo de como se dá a transmissão através da oralidade na capoeira, baseada na experiência e na observação”. Às vezes, esse aprendizado acontecia “[...] nos quintais e terreiros das casas, onde a proximidade entre o mestre e o aprendiz era um fator essencial”. Essa dimensão viva e improvisada da roda rompe com o modelo tradicional de educação não escolar e convida os educadores e as educadoras a pensar novas formas de ensinar e aprender baseadas no corpo, na experiência e no coletivo.

A pedagogia que emerge da roda de capoeira é fundamentada na oralidade e na escuta, marcas centrais da tradição africana e afro-brasileira. Os saberes não são transmitidos por livros ou manuais, mas por meio de cantigas, gestos, ritmos e silêncios. O jogo de diálogo de corpos, na roda de capoeira, pode ser comparado a uma metáfora da roda da vida. Castro (2004) diz que a relação pedagógica, na capoeira, se torna um processo educativo de ser no mundo, no mesmo sentido da concepção da práxis educativa, uma vez que:

A capoeira acaba por ser uma escola da vida, onde se aprende a jogar capoeira. E, ao aprender a jogar capoeira, aprende-se também a jogar na roda do mundo, a tomar posição, analisar circunstâncias de classes sociais com interesses antagônicos, interferir no sentido de querer transformar a realidade. Todavia, esta pedagogia se dá no campo fértil da práxis, em que capoeiristas e sociedade formam uma unidade dialética (Castro, 2004, p.146).

Além da dimensão prática, a roda também assume um caráter formativo por meio dos momentos de conversa que são realizados junto com a coordenação do projeto. Esses diálogos acontecem ao final das aulas e cumprem funções pedagógicas e sociais importantes, como esclarecer dúvidas, ouvir questionamentos, resolver conflitos internos e promover a reflexão sobre a prática.

Há o registro de situações em que alunos trouxeram à tona desentendimentos ocorridos durante a aula, ou até mesmo fora dela. A roda é utilizada para discutir esses episódios de forma coletiva, buscando soluções pautadas no respeito, no diálogo e na cooperação. Nessas ocasiões, percebe-se que o papel da roda de capoeira se amplia, deixando de ser apenas lugar de aprendizagem técnica, tornando-se também espaço de formação cidadã, onde os alunos experimentam valores como solidariedade, escuta e convivência.

A prática pedagógica desenvolvida no projeto ultrapassa a simples execução de golpes e cantigas. Sendo incorporadas reflexões sobre a história e a cultura da capoeira. Muitas vezes, as músicas são utilizadas como recurso didático para transmitir ensinamentos. Ao cantar uma

ladainha, são apresentados seus significados, seu contexto histórico e sua mensagem. Assim, os alunos não apenas reproduzem sons, mas compreendem a profundidade cultural que cada canção carrega.

Além disso, é destinada parte das aulas ao ensino da musicalidade e dos ritmos, incentivando os alunos a aprenderem a tocar instrumentos como o berimbau, atabaque, pandeiro, agogô, reco-reco e a experimentar os diferentes toques característicos da capoeira. Essa estratégia fortalece a compreensão de que a musicalidade ocupa um papel central na prática, capaz de conduzir e transformar toda a roda.

Esse conjunto de estratégias, desenvolvido ao longo da experiência pedagógica no projeto Esporte Por Toda Parte, demonstra que ensinar capoeira em espaços não escolares é mais do que transmitir golpes é promover formação humana, estimular sujeitos críticos e conscientes e contribuir para a preservação de uma prática cultural de resistência.

4.2 SABERES E CONHECIMENTOS ALÉM DA TÉCNICA

Ao longo da trajetória de ensino e prática da capoeira, observa-se que o aprendizado vai muito além dos gestos técnicos ou da repetição dos movimentos. Há algo mais profundo que atravessa o corpo e se manifesta na relação com o outro, no toque dos instrumentos, na música e no diálogo que se estabelece dentro da roda de capoeira. Esses elementos, que à primeira vista podem parecer apenas parte da prática, carregam saberes e valores que formam sujeitos, constroem identidades e preservam uma história de resistência.

A capoeira, como afirma Reis (1997, p. 19), “[...] é uma manifestação cultural brasileira nascida em circunstâncias de luta por liberdade, nos tempos da escravidão”. Sua origem está ligada à resistência dos povos africanos escravizados no Brasil, que encontraram na capoeira uma forma de expressão, defesa e sobrevivência diante da violência do sistema escravocrata. Segundo Areias (1983), diante da ausência de armas para se defenderem da violência dos feitores e senhores de engenho, os africanos recorreram ao próprio corpo como instrumento de resistência, inspirando-se em movimentos dos animais e nas danças, cantigas e rituais trazidos da África. A capoeira nasceu, assim, como um gesto político e cultural, uma maneira de existir e resistir.

Mais do que uma prática corporal, a capoeira é um território de memória, carregado de significados simbólicos que atravessam a história, a religiosidade e a identidade negra no Brasil. Como aponta Abib (2004), ela articula memória, tradição e ancestralidade em uma dimensão

pedagógica e política, sendo uma herança viva da diáspora africana. Durante o jogo de capoeira, percebe-se como o passado se manifesta no presente, pois a prática carrega em seus gestos e cantos a memória e a resistência daquele povo que resistiu e construiu, por meio dessa prática, uma forma de afirmar sua identidade.

A musicalidade, por exemplo, tem um papel que ultrapassa o acompanhamento rítmico: ela ensina, comunica e preserva saberes. Por meio das ladainhas e corridos, aprende-se histórias, valores e visões de mundo. Muitas dessas canções evocam nomes e feitos de figuras históricas como Maria Felipa, Zumbi dos Palmares e Besouro Mangangá, vozes que mantêm viva a ancestralidade e o orgulho de um povo. Como destaca Breda (2015), as músicas da capoeira são verdadeiras bibliotecas orais, nas quais se inscrevem os saberes da cultura popular e da memória coletiva.

Ao compreender esse universo, percebe-se que o ensino da capoeira não se restringe à técnica, mas envolve uma formação integral, que passa pelo corpo, pela escuta e pela convivência. Os saberes transmitidos na roda dialogam com o cotidiano e com as experiências dos praticantes. Aprender capoeira é, também, aprender a respeitar o tempo do outro, a lidar com limites, a improvisar, a se expressar e a pertencer a um coletivo.

A capoeira, enquanto prática cultural afro-brasileira, enfrentou historicamente processos de marginalização e criminalização. O Código Penal de 1890, ao associá-la à vadiagem, tentou silenciar esse movimento de resistência. No entanto, ela sobreviveu, adaptou-se e se transformou, mantendo sua essência como prática de liberdade. Hoje, reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil pelo (IPHAN, 2008) e Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela (UNESCO, 2014), a capoeira reafirma sua relevância cultural, educativa e política.

Nos espaços não escolares, como projetos sociais, centros culturais e praças, a capoeira assume um papel educativo que vai além da técnica ou da performance corporal, como aponta Gohn (2017), os espaços não escolares são fundamentais na constituição de sujeitos críticos, pois oferecem oportunidades de aprendizagem que dialogam com a realidade vivida, com os saberes comunitários e com a diversidade cultural dos grupos sociais. Nessas práticas, observa-se de forma recorrente que cada roda se configura como um espaço de aprendizado, onde crianças e adolescentes aprendiam não apenas movimentos, mas também valores.

O ensino que ocorre nesses ambientes geralmente se dá de forma experiencial e dialógica, em que os participantes aprendem observando, escutando, repetindo e vivenciando os rituais e movimentos. Como destaca Abib:

Entendemos que os processos de transmissão de saberes presentes no universo da cultura popular, pautados por uma lógica diferenciada, pressupõem práticas pedagógicas também diferenciadas, baseadas numa outra concepção de tempo e espaço, que priorizam um outro tipo de relação entre mestre e aprendiz (ou entre educador e educando), que enfatizam formas diferenciadas de sociabilidade, em que as formas simbólicas, a ritualidade e a ancestralidade têm papel fundamental e que assim privilegiam, nesse processo pedagógico, outro sistema de valores, que não aquele presente na prática educacional corrente em nossa sociedade (Abib, 2004, p. 4-5).

Esse modelo educativo rompe com a linearidade e a rigidez dos currículos escolares e se aproxima da educação popular, ao promover uma aprendizagem situada, construída a partir das relações humanas e dos contextos culturais. O/a mestre/a ou educador/a de capoeira nesses espaços não é apenas um transmissor de técnicas, mas um agente cultural, um mediador simbólico que orienta os/as praticantes na compreensão do mundo, das relações sociais e de sua própria identidade.

A atuação nesses territórios populares é também uma ação política de resistência frente ao racismo estrutural e à invisibilidade da cultura negra. Como afirma Mestre Ferradura (apud Brenda, 2010, p. 6), “[...] As trocas culturais proporcionadas pela capoeira, uma arte de origem afro-brasileira, podem ajudar a criança negra a se ver inserida num contexto amplo, em que suas peculiaridades são aceitas e admiradas”. No projeto EPTP, percebe-se isso nas pequenas transformações: no brilho nos olhos das crianças quando entra na roda de capoeira para jogar, no orgulho de vestir o uniforme do grupo, na alegria de se reconhecer parte de uma história coletiva.

Ao refletir sobre o modo como a capoeira se insere nos espaços educativos não escolares, observa-se que o verdadeiro aprendizado se constrói na relação entre o saber e o viver, entre o gesto técnico e a experiência compartilhada. No projeto EPTP, essa dimensão formativa da capoeira se evidencia de maneira constante: cada roda, cada toque e cada canto se configuram como momentos formativos, onde ensinar e aprender aconteciam de forma entrelaçada.

As crianças participantes do projeto aprendem a ginga, os golpes e as músicas, mas também aprendem a respeitar o tempo do outro, a valorizar o próprio corpo, a ouvir, a cooperar e a celebrar suas origens. De modo correspondente, torna-se possível identificar uma aprendizagem profissional contínua por parte do educador, que reinventa a prática e compreende a capoeira como uma pedagogia viva, um saber que nasce da experiência e se

renova no encontro. Nesse contexto, evidencia-se que ensinar capoeira implica também ensinar modos de existir no mundo, fortalecendo o sentimento de pertencimento e a autoestima.

Assim, a capoeira reafirma sua potência como educação integral, pois forma o corpo, a mente e o espírito em uma mesma dinâmica de movimento e convivência. Ela é, ao mesmo tempo, luta, arte, cultura e pedagogia, um território onde se aprendem valores humanos, histórias de resistência e gestos de solidariedade. Ao reconhecer que os saberes da capoeira vão além da técnica, evidencia-se a compreensão de que é possível educar pelo corpo, pela música, pela convivência e pela ancestralidade. A capoeira é compreendida como uma prática que ensina sobre o mundo e sobre a própria existência humana. Ensina que aprender também é partilhar, e que ensinar é, sobretudo, um ato de escuta e de cuidado.

4.3 A EDUCAÇÃO NÃO ESCOLAR E O PAPEL DO CAPOEIRISTA COMO MEDIADOR CULTURAL

A educação não escolar compreende os processos educativos que ocorrem fora do espaço escolar tradicional, sendo caracterizada pela intencionalidade pedagógica, mas com formas, conteúdos e metodologias mais flexíveis e contextualizadas. Trata-se de uma prática educativa que, embora não esteja institucionalizada nos moldes da escola, contribui significativamente para a formação integral dos sujeitos.

Segundo Gohn (2006), a educação não escolar está presente em múltiplos espaços sociais, como associações comunitárias, projetos sociais, organizações não governamentais (ONGs), movimentos sociais, grupos culturais e religiosos. Nesses contextos, as experiências educativas partem de realidades concretas, valorizando os saberes populares e a cultura local, o conhecimento é resultado do diálogo, da escuta e do compartilhamento de saberes, elementos que também estruturam a capoeira enquanto prática educativa, o que rompe com a lógica escolarizante centrada apenas na transmissão de conteúdos acadêmicos. A autora ressalta em sua obra que “a educação não- formal capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo” (Gohn, 2006, p. 29).

No contexto da capoeira, essa perspectiva se materializa na roda de capoeira, espaço de troca, convivência e aprendizado. Freire (1996) afirma que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar condições para que o educando construa o saber a partir da experiência e do diálogo com o outro. Cada gesto, toque e canto se torna linguagem educativa, em que se aprende observando, sentindo e participando. Assim, a capoeira se insere plenamente no campo

da educação não escolar, pois articula corpo, cultura e comunidade em um processo contínuo de formação humana.

Catini (2021) reforça que a educação não escolar abrange experiências que ocorrem fora do ambiente escolar e que visam desenvolver habilidades práticas, fortalecer a inclusão social e promover o senso de pertencimento. É nesse contexto que se situa a atuação desenvolvida no projeto Esporte Por Toda Parte. Nesse espaço, o ensino da capoeira se constrói no encontro com as crianças e adolescentes da comunidade, em rodas onde o aprendizado vai além da técnica.

No EPTP, a prática pedagógica desenvolvida é atravessada pelos princípios da educação popular: a escuta atenta, o diálogo constante e a valorização dos saberes que os alunos trazem de suas vivências. O papel do capoeirista nesse contexto é o de mediador cultural, alguém que articula saberes tradicionais e experiências contemporâneas, traduzindo valores e memórias da cultura afro-brasileira em práticas pedagógicas significativas. Ensinar capoeira, nesse sentido, não se limita a transmitir golpes ou cantigas, mas envolve o compromisso de preservar uma herança histórica e de transformá-la em instrumento de formação cidadã e emancipatória.

Como afirma Abib (2004), os processos educativos presentes na cultura popular se organizam a partir de lógicas próprias, que valorizam o corpo, a ancestralidade e a ritualidade como meios de transmissão de saberes. Essa compreensão se concretiza nas aulas, em que o corpo é simultaneamente sujeito e instrumento de aprendizado. Cada movimento executado pelos alunos é também uma narrativa de identidade, de pertencimento e de resistência.

O projeto Esporte Por Toda Parte representa, portanto, mais do que um espaço de prática corporal: é um território educativo onde se constroem vínculos, se compartilham histórias e se reafirma a importância da cultura afro-brasileira. Nesses encontros, fica evidente que o papel do capoeirista-educador é o de possibilitar a continuidade de uma tradição que nasceu da resistência negra e que hoje se transforma em ferramenta de inclusão e de transformação social. Dessa forma, ao desenvolver o ensino da capoeira em um espaço não escolar, estabelece cotidianamente a mediação entre passado e presente, tradição e inovação, técnica e cultura. A capoeira, nesse contexto, reafirma-se como uma “pedagogia viva”, onde o saber nasce da prática, da escuta e da coletividade, uma verdadeira expressão de educação não escolar enraizada na ancestralidade e na vida cotidiana.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como tema central o ensino da capoeira no contexto da educação não escolar, buscando compreender como a roda de capoeira pode se constituir em um espaço de ensino e aprendizagem capaz de promover o desenvolvimento físico, social, cultural e emocional dos participantes. A partir dessa problemática, a pesquisa se propôs a analisar a prática pedagógica do pesquisador enquanto capoeirista e educador em formação, refletindo sobre as potencialidades formativas da capoeira no projeto Esporte Por Toda Parte - EPTP.

O objetivo geral, de compreender o processo de ensino da capoeira em espaços não escolares, foi plenamente alcançado à medida que a pesquisa evidenciou que a roda de capoeira se configura como um território educativo sustentado por princípios como a oralidade, a coletividade, o respeito e a ancestralidade. Os objetivos específicos, que envolviam analisar criticamente a trajetória do pesquisador como educador e identificar os saberes construídos na prática, também foram atendidos por meio da abordagem narrativa autobiográfica, que possibilitou revisitar memórias, vivências e reflexões, transformando a experiência pessoal em produção de conhecimento.

A interpretação da pesquisa aponta que a capoeira transcende o caráter técnico e assume um papel pedagógico, cultural e político no processo de formação humana. No projeto EPTP, a roda de capoeira se revelou um ambiente de convivência e aprendizado, no qual corpo, música e ancestralidade se articulam para ensinar valores como solidariedade, empatia e respeito à diversidade. O estudo demonstra que o ensino da capoeira pode, sim, responder a demandas sociais e educativas contemporâneas, constituindo-se como uma forma legítima de educação integral e emancipatória.

No contexto da Educação Física, este trabalho reforça a importância de reconhecer e valorizar os saberes produzidos nas práticas culturais populares. A capoeira, inserida em projetos sociais e comunitários, representa uma pedagogia viva que dialoga com a teoria freiriana, ao promover uma educação pautada na escuta, no diálogo e na libertação. A experiência mostrou que a atuação do capoeirista-educador ultrapassa a mera transmissão de técnicas: ele atua como mediador cultural, articulando passado e presente, tradição e contemporaneidade, resistência e transformação.

Entre os pontos mais relevantes da pesquisa, destaco o reconhecimento da roda de capoeira como um espaço formador de identidades e valores, no qual o aprendizado ocorre de

forma coletiva, afetiva e crítica. O contato com as crianças e adolescentes do projeto revelou o potencial da capoeira para fortalecer o sentimento de pertencimento e autoestima, especialmente entre sujeitos historicamente invisibilizados. A pesquisa, portanto, evidencia que a capoeira educa não apenas o corpo, mas também a consciência, sendo um instrumento de inclusão e valorização cultural.

Contudo, reconhece-se que a pesquisa apresenta limitações decorrentes de seu caráter autobiográfico e do recorte específico do campo de atuação. A interpretação dessa pesquisa não pretende generalizar experiências, mas contribuir para o debate sobre a educação não escolar a partir de uma narrativa situada e sensível. Futuras investigações poderiam ampliar a análise para outros contextos e projetos, comparando metodologias, percepções e impactos sociais da capoeira como prática educativa.

Como proposta, sugere-se que a capoeira seja cada vez mais integrada às políticas públicas de esporte, cultura e educação, garantindo espaços, materiais e formações para educadores que atuam fora da escola, e ampliando o reconhecimento da capoeira como prática educativa de valor social e histórico.

Assim, este estudo reafirma que a roda de capoeira é, verdadeiramente, uma “sala de aula” viva, onde se aprende com o corpo, com o outro e com a ancestralidade. Nela, a educação se faz gesto, canto e resistência, ensinando que formar-se é também mover-se em direção ao outro, à cultura e à liberdade.

REFERÊNCIAS

- ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda**. Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura, v. 12, n. 1, p. 171-176, 2004.
- ABIB, Pedro R. J. **Capoeira Angola: Cultura Popular e o jogo dos saberes na roda**. Campinas: CMU/Unicamp / EDUFBA, 2005.
- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica**. História da Educação, v. 7, n. 14, p. 79-95, 2003.
- ABREU, F.J. **Bimba é Bamba: a capoeira no ringue**. Salvador: Instituto Jair Moura, 1999.
- AREIAS, Anande das. **O que é capoeira**. 4. ed. São Paulo: Ed. da Tribo, 1983.
- BREDA, Omri Ferradura. **A Capoeira como prática pedagógica na Educação Infantil**. Bourdieu, Pierre. A sociologia da educação: limites e contribuições FANON, Frantz. Pele Negra, Máscaras Brancas. Salvador: EDUFBA, 2008.
- BREDA, Omri Ferradura. **A capoeira como prática educativa transformadora**. Revista Educação Pública, 2010.
- CAPOEIRA, Nestor. **Capoeira: Os Fundamentos da Malícia**. Editora Record, Rio de Janeiro, RJ, 1992.
- CASTRO JÚNIOR, Luís Vítor. **Capoeira angola: olhares e toques cruzados entre historicidade e ancestralidade**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 25, n. 2, p.143-158, jan. 2004.
- CATINI, Carolina. **Educação não formal: história e crítica de uma forma social**. Educação e Pesquisa, v. 47, p. e222980, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202147222980> Acesso em: 28 jun. 2025.
- COSTA, N. L. **De ato marginal a patrimônio imaterial: análise das políticas culturais para a capoeira**. In: RUBIM, A. A. C. (Org.). Políticas culturais no governo Lula. Salvador: EDUFBA, Coleção Cult, 2010.
- DE FRANÇA, Ábia Lima. **Resgate histórico das pioneiras mestras de capoeira no Brasil. Conexões**, Campinas, SP, v. 21, n. 00, p. e023033, 2024. DOI: [10.20396/conex.v21i00.8674321](https://doi.org/10.20396/conex.v21i00.8674321). Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8674321>. Acesso em: 12 out. 2025.
- FALCÃO, José Luiz Cirqueira. **Do Brasil para o mundo: a prática corporal da capoeira na articulação de processos formais e não-formais de educação**. Revista Tempos e Espaços em Educação, São Cristóvão, Sergipe, Brasil, v. 11, n. 24, p. 73 –86, 2018.
- FONSECA, Vivian Luiz. **A capoeira contemporânea: antigas questões, novos desafios**. Revista de História do Esporte, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-30, jun. 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, Rodrigo Santana da Silva. **Entre história e ladainhas de capoeira: uma possível narrativa no ensino de história**. p. 23; Porto Alegre: 2021.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**, v. 14, n. 50, p. 27-38, 2006.

GOHN, M. da G. **Educação não formal nas instituições sociais**. Revista Pedagógica, [S. l.], v. 18, n. 39, p. 59–75, 2017. DOI: 10.22196/rp.v18i39.3615. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/3615>. Acesso em: 30 jun. 2025.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). Patrimônio cultural imaterial da humanidade. Brasília, 2015. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/71> acesso em: ago. 2025.

JOSSO, M.-C. **Histórias de vida e formação: suas funcionalidades em pesquisa, formação e práticas sociais**. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica, [S. l.], v. 5, n. 13, p. 40–54, 2020. DOI: 10.31892/rbpab2525-426X.2020.v5. n13. p, 40-54. Disponível em: <http://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/8423>. Acesso em: 29 jun. 2025.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. **Metodologia qualitativa de pesquisa**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289–300, maio/ago. 2004.

NÓVOA, António. **Formação de professores e profissão docente**. 1992.

PASSEGGI, Maria da Conceição; DE SOUZA, Elizeu Clementino. **O movimento (auto) biográfico no Brasil: esboço de suas configurações no campo educacional**. Revista Investigación Cualitativa, v. 2, 2017.

REIS, André Luiz Teixeira. **Brincando de capoeira**. Cidade: Ed. Abadá, 1997.

SANTOS, Regiane Bastos. **A importância da inserção da capoeira no contexto sócio educacional de crianças e adolescentes**. 2019. 18 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Faculdade Pitágoras, Imperatriz, 2019.

SOUZA, Elizeu Clementino de; MEIRELES, Mariana Martins de. **Olhar, escutar e sentir: modos de pesquisar-narrar em educação**. Revista Educação e Cultura Contemporânea (online), v. 15, n. 39, p. 282-303, 2018.